



O ANJO CAÍDO

PAULO AZEVEDO CHAVES

Conto baseado num post do blog GRISALHOS, a respeito de um fato real ocorrido na cidade de São Paulo, há várias décadas.

Ele era um menino admirado por toda vizinhança pela beleza e doçura com que se relacionava com as crianças, adultos e idosos. A mãe morreu quando Tula tinha apenas 11 anos. O pai era ambulante, passava o dia na rua e antes de voltar para casinha da favela em que moravam, enchia a cara num boteco qualquer.

Tula cuidava da casa, lavava os pratos e panelas, cozinhava para si mesmo e para o pai bebedor. Virou a mãe, fazia tudo que ela fazia para manter o casebre com algum jeito de lar. Mas um dia o pai chegou da bebedeira com um brilho estranho nos olhos. Em silêncio, arrastou o filho para sua cama e ali o penetrou com desejo e brutalidade. O menino chorava e gemia enquanto ele lhe tapava a boca para que a vizinhança não percebesse o que estava acontecendo.

Daquela noite em diante foi sempre o mesmo ritual nojento de brutalidade contra o frágil Tula. O monstro ameaçou matá-lo caso contasse aos vizinhos o que estava se passando. O menino ignorante e introspectivo não tinha amigos a quem recorrer. No dia a dia era um escravo do monstro, que exalava cheiro de cachaça por todo o copo. O único prazer que Tula tinha na vida era assistir os

programas de auditório e desenhos animados na TV da sala, enquanto o pai estava fora.

Uma noite não aguentou mais. Depois que o coroa gozou e dormiu, roncando e nu ao seu lado, foi à cozinha, apanhou o facão com que cortava a carne para o almoço e, com ódio e deleite, cortou o ventre peludo do velho de um lado a outro. E também capou, com um golpe certo, seu pau mole e suado. Em seguida, pegou o dinheiro que o pai guardava escondido no guarda-roupa, tomou um banho, vestiu seu melhor jeans e tênis e se mandou. Alguém lhe falara de uma rua frequentada por michês e putas, onde quem era novo e de boa aparência conseguia ganhar muito dinheiro. Foi para lá que ele foi.

No baixo meretrício da cidade, Tula logo conseguiu muitos fregueses, que lhe pagavam um preço especial por ser tão jovem e bonito. Alugou um quarto numa hospedaria, onde eventualmente levava os velhos e adultos que o cantavam na rua. As mulheres da Zona o invejavam, pois fazia mais dinheiro que qualquer uma delas. Os outros michês, idem. Virou quase uma lenda e às vezes clientes em carros novinhos e vistosos vinham procurá-lo em seu ponto e o levavam para motéis de luxo, com piscina e outras mordomias.

O velho ambulante, entretanto não morrerá. Logo se recuperou dos ferimentos e depois de muito indagar, alguém da vizinhança o informou que Tula tinha andado perguntando na redondeza a respeito de uma rua na Zona. Depois do trabalho, passou a frequentar o local e descobriu onde o filho “trabalhava” e dormia. Passou a segui-lo à distância, sem ser percebido. O desejo se transmudara em ódio contra Tula. A bichinha tinha que pagar pelo que fizera com ele. Se Tula não era mais seu, não seria de mais ninguém.

Perto da hospedaria onde o menino morava, ficava durante horas num canto escuro da rua esperando a melhor ocasião para o ataque. Trazia sempre sob a camisa o facão com que Tula o capara. Assim ia poder dar o troco no filho. “Olho por olho, dente por dente” – pensava.

Numa madrugada, Tula veio andando pela rua deserta onde ficava a hospedaria, meio cambaleante. Tinha bebido umas e outras com michês da Zona, depois de sair com um gringo, que lhe dera 100 dólares pela foda. Tula cortava dos dois lados e tinha uma bunda empinada e lisa, que despertava o tesão de alguns, enquanto outros preferiam seu pau longo, grosso e bem torneado, plantado num tufo de pentelhos castanhos, bem aparados e

cheirosos. E era por esses atributos que ganhava a cada dia mais dinheiro. Ao passar numa esquina, já bem perto da hospedaria, o pai o atacou com o facão e num golpe violento cortou sua garganta. O garoto, então com 13 anos, nem teve tempo de gritar. Morreu em silêncio, como um boi no matadouro. O assassino jogou longe o facão ensanguentado e fugiu correndo do local.

Algumas pessoas logo acorreram e chamaram a polícia. Todos comentavam a beleza do menino morto. Um velho pedófilo que por ali passava com outro idoso, lamentou mesmo o desperdício de tanta beleza. “Que pena, ele ainda tinha muito para dar!”, murmurou para o companheiro. E os dois seguiram seu caminho pela rua, em busca de outros “Tula” da vida. Alguém acendeu uma vela na calçada, enquanto a multidão, sequiosa de sangue e tragédia, permaneceu ali até que o corpo foi levado para o IML.

